

# HUMANISMO E DUELO EM MONTERREY

## *HUMANISM AND DUEL IN MONTERREY*

Jaime Villarreal  
(UANL)<sup>1</sup>

Tradução: Tiekō Yamaguchi Miyazaki  
(UNEMAT)  
Ricardo Marques Macedo  
(UNEMAT)

**RESUMO:** O artigo traça um amplo panorama histórico do estado de Nuevo León até a atualidade, e mais particularmente da cidade de Monterrey. Focaliza a atuação de diferentes políticos, governadores, principalmente dos denominados “ateneístas”, pois o seu foco principal não é a exploração de planos sociais gerais, mas um processo menos evidente mas muito profundo,

---

<sup>1</sup> Doutor em Humanidades-Literatura (UAM-I). Catedrático de literatura, lingüística e estudos culturais (UANL, ITESM y UR). Estágio pós-doctoral em Literatura Hispano-americana na Universidade de Guanajuato, México.

o cultural, humanístico, educativo, artístico, de que a fundação da Universidade de Nuevo León é um de seus resultados. Daí a presença da figura de Alfonso Reyes, principalmente, acompanhado de outros como Raúl Rangel Frías, Aaron Sáenz Garza, José Alvarado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nuevo León. Monterrey. Alfonso Reyes. Ateneístas.

**ABSTRACT:** The article provides a broad historical overview of Nuevo León state to the present, and particularly about the city of Monterrey. Concentrates on the actions of different politicians, governors, especially the so-called "ateneístas" because its main focus is not the exploitation of general social plans, but a less obvious process but too deep, cultural, humanistic, educational, artistic, of which the founding of the University of Nuevo Leon is one of its results. Thus the presence of the figure of Alfonso Reyes, mainly, accompanied by others like Raúl Rangel Frías, Aaron Sáenz Garza, José Alvarado.

**KEYWORDS:** Nuevo León. Monterrey. Alfonso Reyes. Ateneístas.

*La cultura quiere alumbrar por igual a todos los hombres —y este todos-los-hombres lleva en sí el postulado político. Oigan los que saben oír, hagan los que saben hacer: la cultura debe ser popular, y nadie tuerza mis palabras ni piense que he dicho demagógica.*

Alfonso Reyes

*Escribieron para el Pueblo o para la Nación; pensaron que sus escritos construían al Pueblo o a la Nación.*

Beatriz Sarlo

Sem dúvida um dos benefícios – terríveis- que trouxe consigo a Monterrey a crise, agravada, de violência relacionada ao crime organizado, marca indelével do sexênio de Felipe Calderón, foi o “fim da festa” experimentado na área metropolitana de Nuevo León.

Muitos dos jovens que cresceram naquele ambiente de vida noturna onipresente se viram expulsos dos espaços públicos, aprisionados pela geografia da violência que não tem deixado lugar livre do selo aterrador replicado tanto pelos meios de comunicação como nos corpos (diria Bourdieu). Tal situação não só estabeleceu outra dinâmica a horários e pontos de reunião aos momentos de lazer, como tem levado a abordar uma temática ineludível em todo tipo de reunião familiar, social. “Como está o narco por lá?”, frases equivalentes tornaram parte do ritual de saudação mais cotidiana em boa parte do país.

No melhor dos casos, a conversa se transformou em diálogo público e aberto sobre a necessidade de repensar e atuar coletivamente como cidadania, e não somente como simples empregados, assalariados, praticantes de tal o qual disciplina, servidores, clientes e outros funcionalismos. Isso é sem dúvida excepcional em uma cidade industrial em que por décadas tem imperado a chamada “cultura do trabalho”, mecanismo de coesão-controlado adotado pela classe média local, discurso difundido tanto pelo estado como pelas empresas.

Assim como a chamada guerra calderonista contra o narco deu contexto a uma infinidade de tragédias, também despertou contra ela as vontades necessárias para criar o Movimento pela Paz com Justiça e Dignidade (liderado certamente por um poeta, Javier Sicilia), ou, no caso local, para destacar o antes quase ignorado trabalho humanista de grupos como Cidadãos de Apoio aos Direitos Humanos, nascido em 1993 e dirigido pela ativista premiada Consuelo Morales ((Human Rights Watch, 2011). Essa é a mesma sensibilidade que tem levado a focar a grave crise humanista que por décadas têm sofrido os migrantes centro-americanos e nacionais em nosso país e as mulheres vítimas de tráfico e feminicídios.

Ainda que esse movimento geral tenha sido uma oportunidade de tirar dos olhos o véu que cobria com um matiz de normalidade diversos problemas sociais, também serve agora, com o retorno do

PRI ao governo, para tornar evidente esse processo e mudar por completo a política de comunicação por uma que desvie o refletor da violência, inclusive dos rostos, filiações, nomes dos delinquentes; uma que se centralize no “futuro promissor por basear-se em reformas”.

Neste ensaio, mais que focar a exploração desses planos sociais gerais, interessa-me um processo menos evidente mas muito profundo, o cultural, humanístico, educativo, artístico.

Falar de cultura e humanismo em nossos dias parece fora de moda. Talvez tenha sido uma tendência intelectual de primeira ordem nos tempos de Alfonso Reyes (1889-1959), *ateneísta*, não mais. Tal diretriz foi tão vital na primeira metade do século XX latino-americano que os humanistas ditaram as linhas da política cultural e educativa de nossos países, as quais se concretizaram em instituições que perduram até nossos dias. Desde o século XIX, esta vertente cultural ocupou um lugar privilegiado na educação dos poderosos, esse papel primordial se viu refletido na formação humanista de alguns chefes de estado do século XIX, o mesmo ocorreu nos casos do *ateneísta* José Vasconcelos que chegou a candidato à presidência do México (1929), e do romancista Rómulo Gallegos, eleito presidente da Venezuela em 1947, destituído por um golpe de estado em 1948.

Essa situação geral teve sua réplica regional. Graças ao prestígio crescente do humanismo do princípio do século, que teve sua maior referência nacional no grupo ateneísta, em Monterrey se produziram instituições que perduram até a atualidade, como as universidades públicas e privadas ou as escolas normalistas de magistério. Na história local, em particular, sobressai até hoje o extraordinário período que teve à frente o governo estatal de um consumado humanista, Raúl Rangel Frías (1955-1961), em que, entretanto, desembocou numa perda progressiva, de relevância social, da cultura e do humanismo até chegar aos alvares da atualidade caracterizada pela democracia incipiente, pelos meios massivos

hegemônicos e pela economia de mercado.

Em nossa região, o processo experimentado pelo discurso humanista é similar, com as devidas distâncias, ao vivido na América Latina: na passagem do século XIX ao XX, a cultura clássica e o humanismo em geral foram considerados elementos fundamentais da formação dos poderosos.<sup>2</sup> É muito interessante e se deve destacar a capacidade de alguns escritores e intelectuais para capitalizar essa relevância, esse músculo político que teve a intelectualidade para criar instituições que ainda perduram. O exemplo afetivamente mais próximo é o de Alfonso Reyes, que se refez do desterro europeu posterior à morte de seu pai porfirista, Bernardo Reyes, para fazer uma carreira proeminente na diplomacia mexicana e, depois, voltar ao México para fundar os pilares culturais como a Casa de Espanha (1938) – antecedente do Colégio de México (1940) –, o Colégio Nacional (1943) ou Centro Mexicano de Escritores (1951).

Mas Reyes, ainda que seja a grande referência intelectual da cultura local, jogou em outra liga, a da criação da pátria, a nacional mexicana e a internacional latino-americana. Seu apoio moral, não presencial, ficou manifesto em cartas e publicações, entre as quais se destaca seu importante “Voto pela Universidade do Norte”, escrito no Brasil pouco antes da fundação da Universidade de Nuevo León em 1933, que adquiriu autonomia em 1971; comentarei isso mais à frente. Essa instituição, a Universidade, sem dúvida foi o acontecimento que potenciou e profissionalizou a produção cultural no estado.

Mas de que se constitui essa outra liga local, essa batalha ideológica que produziu a chamada cultura do trabalho? Sem dúvida o meio local reflete o empoderamento das elites construídas ao redor dos processos de industrialização, o primeiro nascido e desenvolvido a partir do longo processo de governo de Bernardo Reyes (1889-1909), depois do ciclo de paz e de desenvolvimento que permitiu a prosperidade com sua inversão em infraestrutura e isenções fiscais. Esse *tempo de paz e controle*. A marca da etapa reyista,

por exemplo, no campo das publicações se refletiu na quase desapareção do jornalismo político de oposição, o que propiciou uma imprensa dedicada ao chamado trabalho informativo e à difusão literária<sup>3</sup> como simples adereço. Se bem que a relação entre Reyes e Díaz não fosse totalmente tranquila, significou toda uma etapa de estabilidade e de configuração estrutural dos grupos de poder: empresários, igreja e governo.

Pouco antes do advento dos conflitos revolucionários, sem dúvida com muitos menos sobressaltos no noroeste do país que no centro, houve a possibilidade para que o próprio Bernardo Reyes capitalizara sua liderança política chegando à presidência mas foi incapaz de opor-se a Díaz, fugiu do país e abandonou seus partidários já estabelecidos no ano anterior à eleição de 1910. O espaço vazio deixado por Reyes foi ocupado por Madero, quem se proclamou contra tudo o que significou o governo porfirista, conseguiu a presidência (1911) e com isso deu início ao período revolucionário que ganhou plenitude após o seu assassinato (1913) ao lado do vice-presidente Pino Suárez.

Esse erro histórico de Bernardo Reyes, que pôde e não quis e depois quis e não pôde, representa também a possibilidade falida de levar o modelo nortenho de progresso ao centro da nação em tempo de mudança e reconstrução. Tempo depois, a inquietação revolucionária gerou, além de diversos enfrentamentos armados, grande instabilidade na condução do estado, tanto que entre 1910 e 1917 Nuevo León foi administrado por 12 governadores; os grupos em luta que iam impondo-se na região também nomeavam seu respectivo chefe de governo. Esse desencontro concreto do local com o nacional é sem dúvida uma das marcas que definirá em seguida a relação das classes poderosas locais com o modelo da Revolução institucionalizada que surgirá do emaranhado de conflitos revolucionários. Essa divergência será também uma das origens do campo cultural específico gerado e reproduzido em nossa circunscrição desde as esferas legitimadas, “cultas”, oficiais.

Como destaca Eduardo Ramírez (2009, p. 20-21), a tentativa do ex-governador do estado, Aarón Sáenz (Monterrey, 1891-Cidade do México, 1983) para chegar à presidência, frustrada pelo próprio Elías Calle, sob cujo mandato (1924-1928) ocupou o cargo de secretário de Relações Exteriores, é um dos primeiros golpes diretos do centralismo revolucionário ao empresariado de Nuevo León. O mesmo ocorreu com as iniciativas centrais para homologar a Lei Federal do Trabalho, o chamado projeto Portes Gil que copiou a legislação da Itália fascista, e para organizar a atividade dos operários e camponeses. Como resposta discrepante a tais propostas e por iniciativa do diretor da Cervejaria Cuauhtémoc, Luis G. Sada, os industriais de Monterrey e outras regiões do país criaram a Confederação Patronal da República Mexicana (Coparmex), que, entre outras razões para estabelecer tal associação, apresentaram como argumento: “a) a existência de problemas sociais criados inevitavelmente pela relação entre os que representam o capital e os que integram o setor dos operários; b) a influência preponderante que de tempo atrás tomavam idéias socialistas radicais.” (ALBA VEJA, in RAMÍREZ, 2009, p. 21).

Um dos pontos fundamentais da definição da dissonância do centro com o regional se verificou no governo socialista-nacionalista de Lázaro Cárdenas (1934-1940), com sua ênfase na reforma agrária, na organização de operários e camponeses (a CTM e a CNC foram criadas no sexênio cardenista), a nacionalização de recursos naturais, a proteção dos republicanos espanhóis exilados e o fortalecimento do PNR. Tal foi o confronto que Cárdenas teve que ceder diante da pressão e a dialogar diretamente com os empresários regionomontanos agremiados.

O choque do empresariado local com os governos revolucionários teve múltiplas arestas, a maior parte devido à origem porfiriana do crescimento econômico de Monterrey. As políticas porfiristas-revistas propiciaram em grande medida a consolidação da burguesia empresarial da região, como aponta Mario Cerutti (2006): a conjuntura de expansão empresarial dos anos 90 do século

XIX foi gerada pelo fluxo ferroviário entre Monterrey, o centro do país e os Estados Unidos; a realização do mercado nacional e binacional, a demanda de metais não ferrosos nos Estados Unidos, a abertura aduaneira, a promoção das inversões do governo de Reyes, inclusive de capitais estrangeiros, especialmente norte-americanos (CERUTTI, 2006, p. 153-154). Ou seja, a discordância entre Monterrey e o centro foi na época dos governos revolucionários um choque de modelos socioeconômicos e de regulações; no caso do governo de cardenista, foi um conflito entre o socialismo nacionalista central e a economia de mercado local-regional, sustentadas com capitais americanos.

Enfatizo o governo cardenista porque foi um momento emblemático do desencontro do local com o centro, além de que é bastante conhecida a oscilação esquerda-centro-direita dos governos pós-revolucionários, a qual marca diferentes teores na relação com os empresários locais. Certamente haveria que notar a tendência direitista das últimas décadas, inclusive os anos de alternância no poder a partir de 2000. Com o tempo, não poucos empresários regiomontanos e de outras latitudes se filiaram aos partidos políticos, em especial ao Revolucionário Institucional e Ação Nacional, como via de acesso a uma maior capacidade de ação política e legislativa.

Esta dissonância particular – social, política e econômica – demarcou e definiu em Monterrey e no estado, especialmente, um campo cultural nas esferas legitimadas e oficiais, desligado não só pela distância e acidentes geográficos do centro do estado, cuja preeminência na cultura nacional é avassaladora. Um dos traços evidentes da geração cultural em Monterrey é seu regionalismo marcado. O que o jovem crítico Ignacio Sánchez Prado (2006) chama de *nación intelectual*, “um conjunto e produções discursivas enunciadas sobretudo na literatura, que imaginam, no âmbito da cultura nacional hegemônica, projetos alternativos de nação”, se apresenta, na dimensão do campo cultural regiomontano, como *Região intelectual*, como projetos alternativos de região.



Esta tendência a ocupar-se do regional aprofundou sem dúvida a brecha entre o local e o nacional e, em muitos sentidos, também deixou de fora da luta pela definição da cultura nacional mais legitimada a muitos intelectuais que restringiram o âmbito de sua ação a esta zona do país. Como mostra da produção de discursos que deram sentido ao campo cultural regional, e como parte de um projeto maior sobre esse tipo de dissertações, comentarei aqui dois textos fundamentais enunciados em distintos contextos sociais e históricos: “Voto pela Universidade do Norte” (6 de janeiro de 1933), de Alfonso Reyes, e “Teoría de Monterrey”, de Raúl Rangel Frías (1946).

Nestes dias em que se comemora o 80º aniversário da fundação da Universidade Autónoma de Nuevo León, o ensaio de Reyes é um dos mais retomados oficialmente como emblemático e pensador da principal casa de estudos do estado. Discordo nesta consideração, já que a exortação do ensaísta, que cumpria missão diplomática no Brasil naquele momento, com toda relevância que pode ter tido, chegou num momento em que as gestões relacionadas à criação da Universidade já haviam sido realizadas: “A realidade me surpreendeu, chegando a passos de gigante, e me encontra quase desprovido.”(REYES, 1958, p. 450), esclarece o escritor ao início da argumentação. Foi antes uma expressão de apoio moral. Muito mais decisivos foram os papéis desempenhados pelos jovens escritores José Alvarado e Raúl Rangel Frías na criação da Universidade, da mesma maneira que a atuação de Reyes foi vital na consecução dessas outras instituições culturais fundadas por ele na capital do país. Um dos apoios importantes para a criação da Universidade de Nuevo Leon foi dado pelo político Aaron Sáenz Garza, “ao incluir no último relatório de governo [1931] uma extensa argumentação a favor de tal projeto; embora – muito consciente dos limites estatais – tenha falado da viabilidade de fundar a Univerversidade de Nuevo León, não a do Norte.” (MORADO MACÍAS, 2007, p.91).

Por outra parte, a judiciosa construção do regional naquele ensaio solidário ficou mais evidente na reiteração que fez de algumas

de suas passagens em um par de discursos publicados posteriormente em Monterrey: um pronunciado durante os Jogos Florais de 1919 (*El Porvenir*, 17 de setembro de 1939) e outro intitulado “Regiomontanos” (1958, p.176-182) (*Universidad*, 2 de setembro de 1943), lido na representação do estado de Nuevo León na II Feira do Livro da Cidade do México em 1943. Só menciona uma breve passagem de “Regiomontanos” sem dúvida configurando essa imagem idealizada do pioneiro local e das carências que teve que enfrentar:

Em outras zonas a natureza foi mais dadivosa. Lá houve que arrancar tudo, e esta luta feliz, esta criação sobre o nada é uma das demonstrações mais patentes da cultura e das possibilidades do espírito. Porque o espírito é, sobretudo, retificação e superação, modelagem que transfigura o dado bruto das realidades exteriores. (REYES, 1958, p.178)

Embora tenha sido em seu discurso original (“Voto pela Universidade do Norte”) que o ensaísta cunhou certas fórmulas que sem dúvida fizeram estragos na autodefinição do arquétipo regiomontano construído pela intelectualidade: “Sem nenhuma ironia pode-se afirmar que o regiomontano é um *herói em manga de camisa*, que é um *paladino em roupa de operário*, que é um *filósofo sem sabê-lo*, um grande mexicano sem atitudes estudadas para o monumento e até acredito que um homem feliz.” (REYES, 1958, p. 452-3; grifamos). O mesmo ocorre com os seus epítetos dedicados a Monterrey: “Honesto fábrica de virtudes públicas, viveiro de cidadãos, a tenho chamado às vezes.” (REYES, 1958, p.452) Por outro lado, Reyes escreveu também de forma modelar sobre a vocação, às vezes defensiva e de coordenação, de Monterrey no contexto das relações entre o México e os Estados Unidos, que no século XIX haviam obrigado o estado mexicano a ceder 55% de seu território e no século XX havia intervindo em outros momentos no país:

Não será a agressividade cega, não será o sentimentalismo vão, nem mesmo os preconceitos casuais de um regime escolar feito aos pedaços, que nos protegerão, mas somente o conhecimento e a vontade educada e retificada, somente um sistema de princípios e ações bem escolhidos e harmonizados. Um ser se define, e também se perde, pelos seus contornos; e esta epiderme da fronteira deve ser cuidadosamente sensibilizada e irrigada pela cultura, para que exerça com normalidade, eficácia e simpatia suas complexas funções respiratórias e de relação com o não eu. Disso terão proveito ao mesmo tempo os dois vizinhos do rio internacional, do rio que nos separa e nos junta; e o que sirva para melhor nos sustentar em nosso próprio temperamento e nossas mais cuidadas tradições terá de servir igualmente para melhor nos aproximar da grande nação que, da outra margem, nos contempla e aguarda. (REYES, 1958, p.450-1)

Nas seções III e IV desse ensaio, Reyes situa a construção intelectual e histórica da região, cifrada no desenvolvimento fundamental da cidade de Monterrey. Sem nomeá-lo, refere-se às virtudes da administração de seu pai no governo estadual por mais de 20 anos, “cujos méritos somente alguns obcecados se atrevem a diminuir”, como o período de crescimento e realização da unidade urbana. Com expressão sutil, Reyes situa nessa mesma etapa de crescimento em Monterrey os primeiros e pacíficos avanços do país na organização trabalhista e política (diferente, claro, do progresso conseguido tempo depois através do conflito revolucionário): “terra onde o direito operário mexicano deu seus primeiros passos, sem alarmar nem escandalizar a ninguém porque era um crescimento natural naquele solo.” (REYES, 1958, p.458)

O projeto mais seguro da região de Reyes, como se disse, construído no estrangeiro e com um tom idealizante, se encontra em sua definição programática da Universidade do Norte e dessas outras universidades regionais que serviriam para *irrigar*, no amplo território do país, a centralizada cultura nacional, produto da Revolução (centralismo equivalente ao caso, mencionado em sua dissertação, da França pós-revolucionária do século XIX): “A

cultura metodicamente espalhada banharia então o conjunto de nossa população juvenil.” (REYES, 1958, p. 456). Essa aspiração humanista do escritor coloca no centro da organização social a Universidade, o conhecimento e a cultura dela emanados:

Entendo que a criação de nossa Universidade significa uma mudança da atenção pública: - a cultura, que antes crescia como que ao lado, passará a constituir o núcleo, o miolo. A organização escolar dará o suporte, e nela serão travadas como derivações indispensáveis todas as demais atividades técnicas, a circulação do comércio e também os entreatos da vida mundana. De maneira que o último martelo que bata o ferro na última oficina esteja concatenado à fórmula algébrica que os estudantes inscrevem no quadro negro das salas de aula. De sorte que, se se há de apresentar entre nós outro tipo de humanista como José Eleuterio González – de nobre lembrança -, não seja visto como um corpo estranho, mas como uma parte harmônica e necessária de nosso existir, como o engenheiro que rege os teares e governa as máquinas de artefatos. (REYES, 1958, p.453)

Esse programa de Reyes contém já em germen uma polêmica ideológica que se desenvolverá com o tempo entre a cultura universitária, da educação pública e humanista, e a das elites locais, políticas e empresariais. Um dos resultados concretos dessa polêmica será sem dúvida a fundação, por iniciativa de um grupo de empresários proeminentes da cidade, encabeçados por Eugenio Garza Sada, do Tecnológico de Monterrey em 1943 (ano da segunda fundação da Universidade). O mesmo sentido significaram as pressões que sofreram à frente da instituição reitores como Raúl Rangel Frías (1949-1955), que teve de disputar terrenos federais com que adiantaria depois, já durante seu período como governador do estado (1955-1961), a construção da Cidade Universitária; assim como sucedeu com o escritor José Alvarado, que, nomeado reitor em 1961 pelo governador Eduardo Livas, por motivos de saúde tomou posse em 1962 e deixou o posto em fevereiro de 1963,

obrigado pelo ataque sistemático exercido por um jornal local contra ele e sua família.

É necessário destacar, para não se confundir o espírito conciliador com o apolítico, a ênfase na educação política, a preparação para a convivência do homem com o homem, que a Reyes pareceu tão necessária em nosso país, esta tendência pode ser lida ainda como uma via de transformação do humanismo como tradição da qual ele mesmo provinha:

Non nos bastaria já o antigo humanismo, feito de cultura literária; não nos bastaria o que nasceu do positivismo, feito de cultura científica. Necesitamos completar o quadro de urgências atuais, dando lugar na nova universidade a uma forma de cultura política. (O que, de passagem, devolvendo sua seriedade ao problema, desterraria, em boa hora, a “politicagem” interior em que se distraem e ainda se sacrificam às vezes os escolares.) (REYES, 1958, p.458)

Sem dúvida um discurso alentador e de espírito conciliador, marca de Reyes, a pesar de seus matizes. Ao mesmo tempo impulsiona esse projeto revolucionário educativo que significou a fundação da Universidade de Nuevo León e produz um conceito regional projetado e construído de uma perspectiva intelectual. Um texto ao que voltarão os intelectuais regiomontanos, inclusive na atualidade, para tomar como exemplo e guia. Também devo assinalar que se trata de uma visão tão mediadora como utópica, que inclui sem dúvida em seu próprio tecido uma contradição polêmica: o choque da tradição porfiriana, reconhecida por Alfonso Reyes (no governo de seu pai) como a origem da sociabilidade local, com o impulso renovador cultural e educativo revolucionário proveniente do centro e adotado por jovens humanistas como Alvarado y Rangel Frías.

No âmbito hispano-americano e diferentemente do estilo inaugurado, em vários sentidos, por Jorge Luis Borges (1899-1986),

quem se aproximou ou fundiu o ensaio e os registros ensaístico-especulativos com a ficção e é até a data referência para escritores de diversas origens, Reyes “fez do gênero a grande ferramenta para expandir entre muitos a cultura de poucos e resolver assim um dos grandes desafios da Revolução mexicana: como multiplicar o conhecimento e fazê-lo chegar a camadas cada vez mais amplas da população.” (WEINBERG, 2007, p. 84). Assim, Raúl Rangel Frías e José Alvarado, os quais quando ainda estudantes militaram no movimento vasconcelista responsável pelo nascimento da Universidade de Nuevo León, abraçaram como escritores a diretriz ética intelectual agasalhada por Reyes e pelo dominicano Pedro Henríquez Ureña (1884-1946).

“Teoria de Monterrey”, de várias maneiras, é um texto nascido de “Voto pela Universidade do Norte”; nas palavras do teórico francês Gerard Génette, trata-se de uma espécie de *hipertexto* derivado de esse texto anterior ou *hipotexto*<sup>4</sup> (GENETTE, p. 14-15). Escrito por ocasião do 350º aniversário da fundação da cidade, o ensaio de Rangel Frías expõe e procura ser mostra dessa maioria adquirida por Monterrey a mediados do século XX: “Para mim é fenômeno de que a cidade adquiriu consciência de si mesma, tendo chegado à sua maturidade espiritual.” (RANGEL, 1980, p.35). Como complemento do discurso de Reyes, Rangel Frías leva mais adiante a construção intelectual de Monterrey, partindo de sua história mais remota nos tempos da Colônia. Com isso, contribuiu também para reforçar o arquétipo regional, idealizando ainda mais a descrição dos ousados fundadores do assentamento colonial. Batizou essa região, cujo desenvolvimento foi duvidoso por mais de dois séculos e meio: “*Com muito exagero talvez*, mas exato em múltiplos sentidos se poderia chamá-lo de *o vale da desilusão*.” (RANGEL, 1980, p. 36; grifamos)

A distância histórica, a oportunidade de celebração e a caneta lúdica de Rangel Frías levam a sua escritura a um registro muito mais lírico e idílico que o praticado por Reyes em seu “Voto”. Assim

empreende a reconstrução sublimada dos espaços em que se assenta a população de colonos:

O teatro em que se desenvolve a cena tem uma impressionante majestade. Um colossal parapeito de montanhas fecha o horizonte pelo sul. Desprendidas da cordilheira principal, como pontas de lança, entram no vale das serranias, uma pelo caminho de oriente e outra pelo oeste. (RANGEL, 1980, p. 37)

Onde Reyes descreve preferencialmente o cidadão moderno regiomontano (“herói em manga de camisa”), Rangel Frías recupera e até folcloriza (em um retrato quase cinematográfico) a figura daquele que está na fronteira do século XIX:

Nada mais mexicano que o rancheiro da fronteira, cujo tipo físico e psicológico ficou selado no século XIX. Assemelha-se, ainda que menos vistoso, ao “charro del Bajío”; a pobreza de sua indumentária se realça com o talhe vigoroso e flexível do ginete; sua coragem e nobreza derivam do trato com o gado; é sóbrio como a terra e acomodou a sua vida aos riscos da escaramuça com o selvagem, os bandoleiros ou fiscais, que visam ao botim, assaltam a diligência ou escondem o contrabando. (RANGEL, 1980, p. 38)

Percorre assim passagens incipientes de uma cidade “de costas para o centro de gravitação da Nova Espanha” (RANGEL, 1980, p.37), para depois embelezar os cenários cada vez mais urbanos da próspera Monterrey de princípios do século passado:

Cada casa de família se ligava ao antigo pomar, ao qual aprisiona entre pátios e quintais, fechados alguns por corredores com arcadas de pilastras grossas e toscas. O aspecto geral tem algo de mediterrâneo e andaluz. A vida provinciana se derrama com lentidão e monotonia. Dorme-se a sesta e na merenda se toma café e tortilhas de farinha. Os passeios elegantes se fazem em conversíveis e a modesta serenata atrai a classe

média, enquanto aos bailes animados, com senhoritas produzidas à moda de Paris, acode o senhor Governador. (RANGEL, 1980, p.40).

O escritor chega a essa etapa reyista-porfirista especulando sobre a origem anterior da propriedade de uma localidade que ficou igualmente distante de duas zonas de guerra: a do centro do país (guerra da Reforma [1857-1861] e a Intervenção francesa [1862-1867] e a dos Estados Unidos (guerra civil [1861-1865]). Nessa conjuntura aproveitar-se-ia a situação geográfica para praticar o comércio e o contrabando em ambos os sentidos. Com isto Rangel torna evidente o papel principal e paralelo do desenvolvimento americano e o de Monterrey. O conflito entre o reconhecimento da origem porfirista da propriedade local e sua adesão ao projeto educativo e cultural revolucionários se reflete em alguns deslindes significativos deste ensaio de Rangel Frías.

Boa parte das obras legadas pelo longo período de governo de Bernardo Reyes (1885-1887 e 1889-1909) e, paradoxalmente, por alguns governantes da etapa pós-revolucionária bem serviram tanto para enfrentar a contínua ameaça norte-americana como para cristalizar as alianças regiomontanas com a oligarquia do sul dos Estados Unidos. O impulsor da política cultural moderna do estado não se equivocava quando escutava: “essa voz do destino que faz sentir a cidade sendo chamada a exercer uma alta função na estrutura social, econômica e espiritual do México.” (RANGEL, 1980, p.40) Por isso caracterizou Monterrey, seguindo Reyes, como “uma sentinela na pista mexicana”. (RANGEL, 1980, p.40)

Talvez as maiores inconsistências de que adoece essa adaptação particular do discurso revolucionário à realidade local, além da luta ideológica mencionada com as idéias de nação emanadas do centralismo, se apresentam quando Rangel Frías tenta ler a cultura e a história regionais empregando uma divisa vital em seu projeto identitário vasconcelista: a mestiçagem (*La raza cósmica* [1925]). Ao tratar desse processo de mescla e integração, o ensaísta reafirma



(querendo ou não) essa tendência através da qual os regiontanos construíram uma pretensa identidade oposta e isolada, tanto na relação de outridade com o resto do país como na distinção ancestral entre o colonos civilizadores e os selvagens nômades povoadores originários da zona. Convertidos, tanto por Reyes como por Rangel Frías, em uma parte do território desolado, da natureza contra a qual tiveram que lutar os fundadores: “A condição agreste e rude dos indígenas frustrou a fundação de ricas fazendas campestres; sequer o gado ficava seguro das furiosas acometidas dos nômades.” (RANGEL, 1980, p.36-37), esses errantes são apagados também da história regional e, obviamente, não são considerados objeto de mestiçagem:

Nessa relação mútua de paisagem e homem, temos a determinação histórica mais arraigada desta comarca. *Ainda mais que o cruzamento das raças, a ação da terra engendra a mestiçagem.*<sup>5</sup> E onde falta, como é o caso, a mediação humana do indígena através das espécies vegetais e até da montanha ou o rio, verifica-se essa transmutação de um povo antigo em outro novo. (RANGEL, 1980, .38)

Sem dúvida um dos mitos mais arraigados entre os nortenhos é sua autodefinição como “homem novo”, fundador de um povo projetado para o futuro. Somente muito recentemente temos visto o interesse de antropólogos e historiadores pelo papel daquelas culturas nômades em nossa história e atualidade.

Rangel Frías deixa para o final de seu discurso a referência a que chama de “fontes espirituais de que se tem nutrido a consciência da cidade”, entre elas se destacam as origens espanholas na organização urbana, a relevância do comércio y, além dos fundadores históricos, os precursores da alta cultura local representados por Servando Teresa de Mier (1765-1827) e, sobretudo, em José Eleuterio González (1813-1888), o principal mestre dos humanistas regiontanos. Com tais bases, o escritor

constitui uma tradição intelectual fundacional regiomontana – na qual se destaca a compreensível omissão de seu maior inspirador, Reyes<sup>6</sup>- e se constitui herdeiro de uma tradição de visionários que centravam seu “afã em uma empresa que não haviam de ver seus olhos e com a qual também os nossos estão alucinados: a pura e luminosa eternidade de uma Cidade perfeita.” (RANGEL, 1980, p. 43).

A visão do jovem Raúl Rangel Frías – tinha uns trinta e três anos no momento de publicar seu ensaio – foi uma visão idealizada, utópica, que exige uma releitura crítica a partir desse momento. No mesmo sentido afirmo que, da perspectiva exposta neste ensaio, a indagação crítica da contraditória construção ideológica, cristalizada em obras e instituições de nosso campo cultural, bastante particular, contribuirá para iluminar esse estado de quase duelo – mais evidente logo após os anos da violenta guerra do narco e contra o narco – da perda de relevância social da cultura e do humanismo locais, inclusive de carência de diretrizes claras na mudança de modelo das grandes empresas locais, que em sua maioria tem passado para mãos transnacionais.

Tanto Reyes quanto Rangel Frías foram intelectuais do velho estilo, construtores do Povo e da Nação, baseados numa posição de privilégio não popular e anacrônica, em vários sentidos e sobretudo em uma cidade industrial e aberta à fronteira internacional como Monterrey. Esses agentes sociais foram deslocados por múltiplos fatores socioculturais, por aqueles que Beatriz Sarlo chama de “*experts*”, aqueles que “nunca se apresentam como portadores de valores gerais que transcendem a esfera de sua *expertise*, e, em consequência, tampouco cuidam dos resultados políticos e sociais dos atos fundados nela”. (RANGEL, 1980, p. 182) Sem dúvida somente a crítica, numa sociedade que carece dela, de estes dois extremos ideológicos, o utopista do velho estilo, representado pelo humanismo, e o pragmático imediatista, da tecnocracia pretensamente apolítica, pode levar-nos a lançar luz sobre um

contexto que, em lugar do duelo cultural, parece submetido à caótica melancolia, para usar os célebres termos freudianos.

## Referencias

AVELAR, Idelber. **Alegorías de la derrota**: la ficción posdictatorial y el trabajo del duelo. Santiago: Cuarto Propio, 2000.

CERUTTI, Mario. **Burguesía y capitalismo en Monterrey. 1850-1910**. Tercera edición. Monterrey: Fondo Editorial de Nuevo León, 2006.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**. La literatura en segundo grado. 1962. Madrid: Taurus, 1989.

MORADO MACÍAS, César. Proyecto revolucionario y educación universitaria en Nuevo León. MORADO MACÍAS, C. (coord.). **Nuevo León en el siglo XX**. La transición al mundo moderno. Del reyismo a la reconstrucción (1885-1939) Tomo I. Monterrey: Fondo Editorial Nuevo León, 2007. p.81-115.

RAMÍREZ, Eduardo. El triunfo de la cultura. Uso político y económico de la cultura en Monterrey. Monterrey: Fondo Editorial de Nuevo León/UANL, 2009. 20-21.

RANGEL FRÍAS, Raúl. Entre Alfonso Reyes y Monterrey. RENDÓN HERNÁNDEZ, José Ángel (comp.). **Alfonso Reyes: Instrumentos para su estudio**. Monterrey: UANL / Biblioteca Central, 1980. 37-43.

\_\_\_\_\_. Teoría de Monterrey 1946. BARRERA ENDERLE, Víctor (comp.). **Renovada compañía**. Antología de Armas y Letras (1944-1957). Monterrey: UANL, 2009. p.35-43.

RANGEL GUERRA, Alfonso. Universidad Autónoma de Nuevo León. Semblanza histórica. PIÑERA RAMÍREZ, D. (coord.). **La educación superior en el proceso histórico de México**. Tomo IV. Semblanzas de instituciones. Mexicali: SEP/UABC/ANUIES, 2002. p.156-167.

REYES, Alfonso. Los regiomontanos. **Obras completas**. Tomo VIII. México: Fondo de Cultura Económica, 1958, p.176-182.

\_\_\_\_\_. Voto por la Universidad del Norte. **Obras completas**. Tomo VIII. México: Fondo de Cultura Económica, 1958, p. 450-459.

SÁNCHEZ PRADO, Ignacio. **Naciones intelectuales**. Las fundaciones de la modernidad literaria mexicana (1917-1959). West Lafayette, Indiana: Purdue University Press, 2009.

SARLO, Beatriz. **Escenas de la vida posmoderna**. Intelectuales, arte y videocultura en la Argentina. Buenos Aires: Ariel, 1994.

VIZCAYA, Isidro. **Los orígenes de la industrialización de Monterrey**. Monterrey: Fondo Editorial de Nuevo León/ITESM, 2006.

WEINBERG, Liliana. **Pensar el ensayo**. México: Siglo XXI, 2007.

## Notas

<sup>2</sup> O ensaísta brasileiro Idelber Avelar (2000) explica como os estados latino-americanos descartaram a assistência dos intelectuais públicos e, com eles, os do humanismo: “Enquanto a literatura historicamente havia florescido à sombra de um precário aparato estatal, agora o estado cada vez mais tecnocrático dispensava seus serviços; se sempre havia sido um instrumento chave na formação da elite letrada e humanista, agora essa elite a deixava de lado por teorias econômicas mais eficazes, importadas de Chicago; as faculdades de literatura e filosofia haviam sido meios vitais de reprodução ideológica, mas agora a ideologia traz a máscara neutra da tecnologia moderna.”

<sup>3</sup> Assim observa Isidro Vizcaya em *Los orígenes de la industrialización de Monterrey* (Fondo Editorial de Nuevo León/ITESM, 2006).

<sup>4</sup> “Pode ser de uma ordem distinta, tal que B não fale em absoluto de A, mas que não poderia existir sem A, do qual resulta no final de uma operação que qualificarei, também provisoriamente, como transformação que, conseqüentemente, evoca mais ou menos explicitamente, sem necessariamente falar dele e citá-lo.” (GENETTE, 1989, p. 14).

<sup>5</sup> “Na nossa história, Nuevo León se destaca com relevo único. Sua colonização é um desses episódios desprendidos da colonização hispânica que parecem girar em uma órbita à parte. Lá não havia tronco para enxerto; não encontraram os fundadores um cimento de civilização estável sobre o qual plantar o novo edifício; não contaram com os braços do índio para levantar a sua arquitetura.” (REYES, 1958, p.178)

<sup>6</sup> Esta omissão se torna mais significativa se a contrastamos à defesa que Rangel Frías esgrimiou, após a morte de Reyes, para mudar sua biblioteca, a Capilla Alfonsina, para Monterrey. Essa luta ficou ilustrada em seu artigo “Entre Alfonso Reyes e Monterrey” (**Alfonso Reyes**: Instrumentos para su estudio. Monterrey: UANL / Biblioteca Central, 1980.).